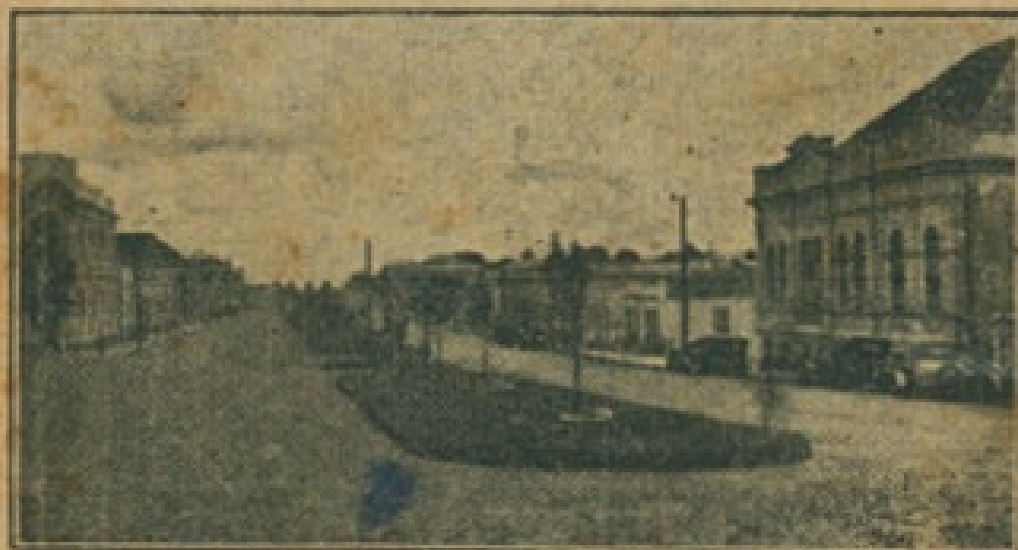


Francisco Antonino Xavier e Oliveira

SEARA VELHA



Tipografia Independencia

PASSO FUNDO

1932



Francisco Antonino Xavier e Oliveira

SEARA VELHA

Tipografia Independencia
Rua Bento Gonçalves, 89
PASSO FUNDO
1931



Coronel Francisco Marques Xavier Chicuta

A tapera de Chicuta

Ha tempos, indo á região de Tamandaré, no atual municipio de Carasinho, passei pela tapera de Chicuta (1), nela me detendo por minutos nessa atitude que é propria do observador que contempla ruínas que se entrelaçam com o seu passado e fazem reviver a sua saudade.

Naquele sitio aí desolado, em que estivera eu, ha mais de 40 anos, sob o teto do vencedor de Cabalero, só restavam algumas arvores e essas mesmas quasi sêcas, demonstrando que não tardariam a morrer de todo, passando a nús esqueletos brancos das frondes que outrora ostentaram.

Talvez por isso e sentindo ali o hálito da morte, a minha lembrança, ao envez de ser excitada pela contemplação do sitio, como que mergulhou em torpor ...

É que as tapersas como aquela, são como os túmulos: arrastam para realidade acabrunhadora o espirito, que, vendendo assim tão tristes, tão desoladas, não póde coordenar a sua manifestação num raciocínio lúcido — automatiza-se, sentindo mas não podendo exprimir o que pensa.

--- 0 ---

Também, depois que a História recolheu o sangue do martir que ali morou, por essa forma encerrando a fé de officio que ele trouxera da guerra da Tríplice Aliança contra Solano Lopes, para que viverem mais aquelas arvores, si eram, na sua decrepitude, arvores de um tumulo em cujo fundo a gloria de Chicuta não carecia de sombra para viver?!

¹ Coronel Francisco Marques Xavier Chicuta



Primeiro numero do "Echo da Verdade"

Administração do “Echo da Verdade”



Manoel Francisco de Oliveira
Gerente



Teodolindo Vilanova
Tipógrafo

O “Echo da Verdade”

Estou a relembrá-lo no silêncio desta hora, quarenta anos após a sua efêmera existência, transcorrida naqueles dias agitados que medeiam entre o advento da República e os primórdios da revolução federalista de 1893.

Primeiro jornal que aqui surgiu, era ele de publicação semanal e impresso, às vezes, em papel de côr que variava, pormenor que Gezerino Lucas Anes, seu ativo colaborador, pôz á bulha dizendo que os jornaes de Cruz Alta, quando estavam para desaparecer, desse modo é que saíam... E não se enganou em tal agoiro o espirituoso cronista, pois que, sobrevivendo a transformação política decorrente do golpe de Estado que dissolvera o Congresso Nacional, pouco depois tinha o «Echo da Verdade» de desaparecer e para sempre, em seu lugar surgindo o «17 de Junho» que ainda mais curta existência teve.

E com saudade que recordo esse tempo afastado, no qual era o «Echo da Verdade» um regalo para a minha meninice ávida de lêr, e que, por isso e á falta de livros, devorava quanto almanaque, bula de remedio ou impresso aos olhos lhe passasse...

Talvez notando tal pendor meu foi que, um dia, alma bôa que não pude ao certo apurar quem fosse, discretamente deixou á cabeceira de minha cama um volume que do Céu devera ter caído expressamente, dado o beneficio inestimável que me veio prestar. Era ele «O Poder da Vontade», de Samuel Smiles, autor benemerito que com essa e outras obras do mesmo genero, tanto semeou para a mocidade colhêr na formação de seu carater.

Voltando, porém, á velha folha passo-fundense que

com esta digressão deixei de lado, salientarei que era ela feita em prélo tão pesado e antigo, que parecia remontar ao tempo de Gutenberg ... Pelo menos o seu modelo copiava o que de mais velho havia na arte de imprimir, e o respetivo manejo, por isso, devia seriamente esfalfar o mísero impressor, de vez que, para colocar, imprimir e retirar o papel, tinha de fazer nada menos que dez movimentos diferentes, daí resultando que a impressão dos dois lados da folha reclamava apenas vinte operações ...

Desse prélo tão avantajado em seu feitio, e que deveria ter sido fundido na preocupação de sair á prova de bala de canhão, talvez reste ainda, nesta cidade, o maciço corpo vertical, pois que não ha muitos anos tive ensejo de vel-o e quasi no mesmo estado em que o conhecera funcionando, sem que os anos decorridos lhe tivessem feito massa.

As oficinas da folha eram no prédio que ainda hoje existe á rua Paisandú, ala norte, esquina da Quinze de Novembro. Dali, despachada pelo seu gerente Manoel Francisco de Oliveira — o Manequinho, como era conhecido, ia ela, aos domingos, levar a seus leitores, de par com as novidades locais da semana, de ordinario poucas, o artigo de fundo e a colaboração, na qual, com pseudónimos, se expandiam o mencionado Gezerino, sempre impagavel nas suas críticas, Antonio Manoel de Araujo, Saturnino Vitor de Almeida Pilar e Antonio José Pereira Bastos, este em versos politicos que se tornaram célebres na terra pela sátira formidavel que atiravam ao adversario.

Na redação, dirigida pelo coronel Gervasio Lucas Anes, escreviam também o dr. Candido Lopes de Oliveira, Gabriel Bastos e Gasparino Lucas Anes, belo espirito que a morte desprendeou, moço ainda, em meio á revolução federalista, vitimado pelo tifo, em Lagoa Vermelha.

Na parte consagrada aos anuncios, faziam sucesso os de Gabriel Bastos, então negociante e dos mais fortes da terra, cujo comercio tinha ele revolucionado com um baratilho ahi famoso, mercê do qual o movimento da sua casa se tornara simplesmente extraordinario.

Num desses anuncios começava ele dizendo que “nos

tempos calamitosos da monarquia, quando predominava a vontade de um rei, a opinião popular era calcada por preços exorbitantes”, afirmativa que, em seguida, justificava em abono da recém proclamada Republica alardeando a barateza dos seus preços, que, comparados aos de agora, encheriam de pasmo a freguezia dos negociantes desta quadra de vacas magras.

Lamentavelmente a derradeira coleção que se sabia existir da velha folha passo-fundense desapareceu, razão pela qual, relembrando-a, só lhe posso consagrar as vagas reminiscencias que aqui deixo.

A nobreza de Miranda

Nesse tempo a viagem entre esta cidade, então villa, e Porto Alegre, não tinha a rapidez e conforto que hoje, graças ao caminho de ferro aqui inaugurado em 1898, oferece a quem queira ir á linda metrópole estadual.

Ia-se a cavalo, por Soledade, descendo a serra por péssima estrada e alcançando Rio Pardo onde, por pequeno vapor fluvial, se descia á Capital.

Por aí seguiu, de uma feita, Jerónimo Savinhone Marques, portador que por ser conceituado recebeu de varios amigos o encargo de levar quantias em dinheiro, que tinham de remeter para o centro comercial da Provincia.

Decorridos dias, estoura em Passo Fundo a grave noticia de que o vapor em que esse portador tinha descido de Rio Pardo havia naufragado, fato que poz em sobresalto os remetentes de tais quantias, pelo prejuizo que dele poderiam receber.

Miranda (²), que tinha tambem feito remessa de dinheiro por Jerónimo, ao ter ciencia do falado naufragio, assim se manifestou:

— Não lastimo o dinheiro, e sim o chefe de familia que se perdeu.

Afinal se veiu a verificar que tal sinistro não passava de balela, mas o certo é que proporcionou ensejo para que ressaltasse com esse ditoa nobreza do estimado varão que o proferiu.

² Tenente-coronel Francisco de Barros Miranda, depois coronel

O registro de Fagundes

Nas investigações que de ha longos anos venho fazendo no passado local, muitas vezes tenho me detido sobre um ponto que sobremaneira as interessa e com relação ao qual, infelizmente, se anulam sempre as perguntas que ponho em campo no sentido de o resolver.

O ponto em referencia é este: que destino teria tomado o livro em que — di-lo tradição corrente que registrei nos «Anais do Municipio de Passo Fundo» (³) — costumava Joaquim Fagundes dos Reis, no velho tempo da sua vida em Passo Fundo, registrar os fatos da terra?

No inquerito assim feito, houve quem me dissesse que esse livro fôra consumido por alguém que, nele mencionado por fato desairoso, não queria aparecer chumbado á repreensão do austero cronista falecido.

Apesar da verosimilhança da informação assim recolhida, não dei e não dou por terminada a pesquisa em tórno ao falado livro, que bem pode ser exista ainda, reverentemente guardado por algum dos muitos descendentes do seu ilustre autor, semeados neste e outros municipios.

Dado que isso aconteça ou do destino de tal livro saibam, grande serviço me prestariam os mesmos si, a bem da história de Passo Fundo e do proprio renome de Fagundes, m'o trouxessem ou, não o tendo, qualquer noticia ou versão que delle houverem.

Deixando-lhes aqui este apêlo, fica-me a esperança de que seja atendido em consideração ao fim relevante que o inspira. .

³ Volume I, publicado em 1908

João de Vergueiro e a provincia de Missões

Muitos anos depois que, nos «Anais do Municipio de Passo Fundo», consignara eu a evolução que na extinta Camara Municipal daqui tinha tido idéa que, por duas vezes, em 1877 e 1884, lhe submetera a sua co-irmã cruzaltense, da criação de uma nova provincia na parte alta do território rio-grandense, traçada de Itaqui a São Francisco de Paula de Cima da Serra e tendo a denominação — de Missões, proporcionou-me a obsequiosidade do dr. Nicolau de Araujo Vergueiro o conhecimento de um novo subsidio ao assunto, consistindo na resposta, inédita ainda, que seu genitor capitão João de Vergueiro, então presidente da edilidade passo-fundense, dera a uma carta que a respeito lhe dirigira o coronel João Batista Vidal do Pilar, de Cruz Alta.

Nessa importante missiva, começa o capitão Vergueiro por acentuar que tudo quanto o coronel referido lhe ponderara na sua carta, e tudo que a Camara do seu municipio havia exposto em officio á deste dirigido sobre a criação da idealizada provincia, não convencera da procedência e utilidade do projeto, contra o qual sobreabundavam razões que por serem intuitivas não demandavam exposição.

Não bastava, prosegue, para felicidade dos povos, a autonomia da região banhada pelo Uruguai; tal autonomia nua de outras condições, seria talvez cornucopia de sensíveis males, e não mãe fecunda de beneficios.

A integridade da Provincia, assim como a do Imperio, acrescenta, cimentada nos sentimentos que mais nobilitam o coração do cidadão — o patriotismo, a nacionalidade — era um dogma que tinha profundas raizes na opinião.

A história do pais, termina, a todo momento o comprovava: nos altos poderes do Estado, pouco valiam as pequenas ou fracas provincias, porém muito as grandes e

fortes.

Pelo resumo assim feito de tal carta, em que reforça a participação que como vereador e com a unanimidade da Camara de Passo Fundo tivera na votação do assunto em sessão pouco antes realizada, se pode ver quão firme era a opinião do capitão Vergueiro contra a frustrada idéa da criação da referida provincia.



Capitão João de Vergueiro

Parada interrompida

Na malograda tentativa contra revolucionaria de Fevereiro de 1892, feita pelos republicanos com o fim de retomarem o governo do Estado, de que tinham sido destituídos pela revolução de Novembro do ano anterior, levada a cabo em consequencia da dissolução do Congresso Nacional pelo marechal Deodoro, presidente da Republica, foi ponto de reunião dos contra-revolucionarios daqui a chácara do tenente-coronel Lucas José de Araujo, hoje velha casa cercada de basto arvoredo, que se vê no alto da coxilha que dos trilhos da estrada de ferro sobe para o Nascente, na avenida Mauá.

Tornada insustentável essa posição deante a superioridade numerica das forças contrarias que guarneciam a cidade e para esta afluíam dos distritos, que estavam todos dominados pelo Governo, tiveram os republicanos de valer-se de uma retirada para não serem envolvidos e batidos, movimento que executaram á noite, depois de iludirem a vigilancia dos contrarios atraíndo-a para a referida chácara e fazendo, assim, com que lhes deixassem os mesmos livre a saída pela serra próxima, por onde ganhariam, ao Poente da cidade, a estrada de Carasinho.

Nessa retirada os contra-revolucionarios deixaram ocultas na dita chácara varias duzias de foguetes de dinamite de reforçada carga e que por isso, além de terem mais alcance, eram tambem de mais violenta explosão que os comuns; foguetes esses que para lá tinham sido levados com o fito de servirem como arma na eventualidade de combate, em que poderiam ser atirados ao adversário.

Trazidos para a cidade pela força que fôra revistar o acampamento dos retirantes, foram tais foguetes destinados á parada que as hostes do Governo, ao mando de Prestes

Guimarães, iam fazer no ato da sua dissolução após a vitoriosa jornada repressora da malfadada contra-revolução.

Estava a solenidade em referencia se realizando na praça Tamandaré, aí com raras casas, desarborizada ainda e tendo a maior parte dos seus terrenos abertos, quando um desses foguetes, mal soltado, estoura no meio dela derribando varios patriotas e interrompendo-a momentaneamente, sem outras consequencias.

A explicação do caso devia ser esta: era republicano aquele foguete ...

A luz pública de dantes

Na graça natural que o distinguiu tornando tão agradável a sua prosa, tinha Gezerino Lucas Anes repentes que valiam ouro.

Roda em que ele estivesse, já se sabia: era, pela certa, manancial de gargalhadas.

Para apreciar fato ou caraterisar pessoa, o seu golpe de vista assumia a precisão de uma luva.

Não se podia com a sua veia, cuja espontaneidade se patenteava ao pé da letra, desnorteando o parceiro.

Pouco depois do advento da Republica, a municipalidade, numa demonstração de zelo pelo bem publico, mandou colocar lampeões nas ruas, para iluminar-as: serviço de verdadeira oportunidade e indiscutível benemerencia, atendendo-se a que, mesmo na principal via urbana, que era a rua do Comercio, hoje avenida Brasil, á noite, as vacas leiteiras dos moradores, não raro em grupos, deitadas na escuridão, constituíam perigo tal ao transeunte, que si este, passando, não se precatasse no andar, lá por tolhas tantas seria suspenso pelas aspas de alguma delas, que de inopino se levantasse.

Infelizmente, porém, os lampeões em que consistia aquele surto de progresso filiavam-se a modelo assaz primitivo, formando uma pirâmide invertida no alto de grossos postes de quatro faces, que primavam por feição contemporânea dos célebres esteios de cérne que a gente velha da terra, na transição da casa de pau a pique para a de alvenaria em tijolos, colocava de distancia em distancia, nas parêdes, para que as mesmas, assim, ficassem mais sólidas ...

Combustores de querosene, si a cumação deste os enegrecia fazendo fom que ao longe a respetiva luz parecesse um vagalume vermelho, por mal dos pecados tinham, ainda, o

fundo delata, do que resultava que a claridade, interceptada na sua projeção pelo mesmo, abria em ródia de cada poste uma outra pirâmide coma sombra de tal fundo, sombra essa que contrastando com a baça luz do lampeão, se tornava ainda mais escura que a da própria noite.

Tudo isto e mais a afastada distancia dum poste a outro, talvez não inferior a 200 metros, pois que a área da iluminação era vasta e os lampeões não iriam além de uns dôze, fazia com que a luz pública da então vila se tornasse deficientissima e o espirito de Gezerino, mariposa irrequieta, desde logo entrasse a espiralar em tórno a tais fócios, que mais eram de fumaça e sombra, que de luz.

Daí a razão porque, colaborador do “Echo da Verdade”, onde a sua veia pilherica inconfundivel não lograva esconder-se em manto pseudonímico, de uma feita retratasse a primôr o serviço em referencia, dizendo que, para se verificar si a luz referida estava acesa, era necessario, primeiro, riscar um fósforo...

Semente prodigiosa

Na revolução de Novembro de 1891, que no Estado apeiou do poder o dr. Julio de Castilhos, substituindo-o por uma junta governativa, reuniu o partido federalista uma numerosa força nesta cidade, sob o comando do, aí, coronel Antonio Ferreira Prestes Guimarães, tomando conta das posições locais.

Nessa ocasião, levantada sem duvida por algum trocista, surgiu aqui uma grande nova:

Como premio aos patriotas que a tinham prestigiado tomando armas em favor da revolução vitoriosa, a junta governativa referida lhes distribuiria, quando fossem dissolvidos, a semente de uma planta extraordinaria que, semeada, produzia mandioca na raiz, cana de assucar na paste, arroz na flor, e milho na espiga...

Teria sido uma recompensa inestimavel, si não fosse o inverosimil de tanta virtude reunida numa só pilheria.

Combate frustrado

Naquela húmida tarde de 93 — quadra terrível na história deste município — chegou á fazenda de Santa Cecilia, em Campo do Meio, aí pertencente, ainda, a seu primitivo dono Ramon Rico, conhecido por Dom Rico e que lá morava, uma pequena força que, sob o comando de um tenente, vinha da guarnição republicana que em Lagôa Vermelha tinha o capitão Chachá Pereira. Destinava-se tal contingente a esta cidade, e ali resolvêra pernoitar.

Não sei si em virtude de prévia combinação ou por acaso, na mesma fazenda apareceu também, momentos depois, saída dos matos do rio do Peixe onde andára em diligencia, a Guarda Municipal de Passo Fundo com o seu comandante capitão Francisco Brizóla, também para pousar.

Com esse duplo reforço e o pessoal que na fazenda mantinha reunido o tenente-coronel Leoncio Amando Ozana Rico, filho do fazendeiro aludido, a gente legalista se elevou ali a uns cento e poucos homens, circunstancia que aliada ao fato de não haver noticia de força contraria alguma nas imediações, fez com que a guarnição acidental assim constituida se deixasse ficar mais ou menos á vontade, convencida de que nenhum perigo lhe poderia sobrevir durante a noite, que não tardava a descer.

Assim dispostas as cousas na fazenda, se pôde avaliar o alarme que, horas depois, quando o acampamento estava já em silencio, causaria cerrado tiroteio que se faz ouvir nas proximidades do mesmo.

Foi um movimento extraordinario na força republicana, assim obrigada a mover-se inesperadamente a bem da sua defesa.

Péga cavalo daqui, corre dacolá, formam-se linhas, sai

um piquete a reconhecimento, enfim era o combate já travado e, o que era pior, na mais completa ignorância de quem fosse o inimigo e o seu poder ofensivo.

Horas decorridas nessa apreensiva situação, vem afinal a ser esclarecido o caso com a volta do piquete explorador: numa venda situada próximo, tinham se reunido varios individuos que, depois de libação alcoólica sem dúvida copiosa, resolveram alegrar a noite com o tiroteio que tanto alvoroço fizera no acampamento republicano.

Era, pois, um combate de cachaça.

O Monge

Logo depois da pacificação que puzera termo á revolução federalista no Estado, passou ele por este município onde, ao que concludo, já antes estivera uma ou mais vezes.

Segundo parece, o seu roteiro buscava sempre a gente humilde, na campanha e matas, não constando que aparecesse em povoações.

Dizia chamar-se João Maria de Agostinho, e, ao que se narra, devia ser estrangeiro e homem de certo preparo.

Da sua procedencia, porém, nada se sabia, nunca se soube; era misterio fechado.

Seus conselhos que ao meu conhecimento chegaram naqueles tempos, aqui e no sertão de Santa Catarina e Paraná, que percorri em 1893 e 1894 e onde achei tradição da sua passagem, eram sensatos; só aconselhava para o bem e fortalecendo o sentimento religioso do povo, num sentido que parecia não ter ligação com igreja ou corrente alguma, é certo, mas que nem por isso deixava de ser cristão.

Lá, como aqui, frequentemente se encontrava a alta cruz de cédro, ás vezes com flores plantadas em tórno, dentro de pequeno cercado á frente da casa do sertanejo, e que diziam provinha de sugestão ou conselho dele.

Espirito místico e por isso mesmo desprendido, nem sequer aceitava o pouso que lhe ofereciam nas casas que visitava, preferindo dormir ao relento, a que sem duvida o habituara o seu longo jornadas pelo sertões.

Como obsequio da hospitalidade sempre grata que lhe davam, se contentava, apenas, com umas couves para a sua pobre refeição.

Não era, pois, nem um explorador, nem um fanatisador

do povo sertanejo.

E o fato o dignifica tanto mais quanto era certo que, si quizesse sel-o, de certo a veneração que o cercava nos sertões do sul brasileiro lhe teria proporcionado isso, o que nunca se disse e jamais apurei na minha passagem por eles.

Seria, talvez, algum coração ferido por fatalidade qualquer, e que, para esquece-la ou, quem sabe! purga-la, tivera renunciado o convívio da civilização no meio em que vivia, para buscar no seio quieto e misterioso das florestas, entre a gente simples e bôa que lá vive, a consolação que o mundo culto lhe não podia mais oferecer.

Tal a minha suspeita e também a razão porque, percorrendo-as naqueles dias fraticidas, e encontrando a fama sua, evocada pela alta cruz de cédro fronteira á casa do sertanejo, tinha eu simpatia por ele e desejava ve-lo e ouvi-lo, o que nunca logrei realizar.

Não admira, pois, que em tórno á sua peregrinação pelos sertões, se tecessem narrativas de cunho lendário, mercê das quais assumia ele proporções de santo.

Entre outras cousas que a seu respeito corriam, se dizia que conseguira visitar o grande toldo que os indios botocudos tinham nas proximidades do Taió, em Santa Catarina, fato que, a ser verdadeiro, não deixaria de recomendar-lhe a coragem e desprendimento, dado o rancor de tais indios para com a gente civilisada.

Conta-se que num dos combates neste municipio travados naquela revolução, havia nos chapéus dos revolucionários aí tombados, um galho de planta do campo ...

Era a «herva do Monge»... Era o misticismo cristão desse peregrino dos sertões que se transformara em funebre homenagem aos bravos que, assim, tinham perecido em holocausto á sua conciencia civica.

A luzinha

Narra velhíssima tradição hoje bordada de imaginosos detalhes que tive o cuidado de excluir após indagação feita nas cercanias do local em que desenrolou-se o triste fato em que assenta ela, que, no campo dos Tres Passos, situado no 5.º distrito, fizera pouso, uma tarde, um casal, morador na Entrada do Mato Castelhana e que consigo trazia uma filha, menina ainda, tendo de 8 a 10 anos de idade.

Pouco depois, chegavam também ao mesmo local, entrando a palear e chamarrear com o chefe desse casal, dois conhecidos dele, um dos quais seu compadre.

Não consegui apurar o tempo que teria durado tal prosa, nem o tom que a caracterizava inicialmente: si amistoso, como de praxe entre viajantes que ao fim do dia, após fatigante jornada, se reúnem para o descanso noturno em sombreado recorte de restinga, á margem de murmurante aguada e a gosar do frescor e beleza que são propios de sitio primitivo e êrmo como era então o de que se trata; ou, ao contrario, picado por algum antigo ressentimento ou complicado negocio pendente entre os circunstantes.

O certo é que, alta hora da noite que, em seguida, caiu sobre a roda assim formada, apareceu na casa de um morador da serra próxima, distante mais de uma légua do ponto em referencia, a menina aludida, que viéra a pé, através mato despovoado ainda, vencendo percurso apenas trilhado por estreito e cerrado pique, e tendo contra si, além disso, a escuridão da noite.

Narrou ela, aí, a imensa desgraça que desabara naquele pouso e a obrigara a fazer, em tais condições, o trajeto descrito: haviam lá sido assassinados seus pais pelos dois homens referidos, tendo ela, na ocasião, conseguido fugir e se ocultado na folhagem de uma arvore caída; sendo que, depois

de consumarem tal crime, a tinham procurado muito os assassinos, passando varias vezes junto ao esconderijo dela e dizendo entre si que a não podiam deixar, que era necessário encontra-la; pormenor indicativo de que pretendiam mata-la também, sem duvida pela consideração de que, ficando viva, naturalmente iria servir de testemunha contra eles.

Surpreendido com o exposto e pesando o extraordinário que cercava o aparecimento da recém-chegada, perguntou-lhe o morador como tinha ela podido fazer aquela travessia.

Respondeu que viéra seguindo uma luzinha que se conservava sempre á sua frente, a certa distancia.

Tal, em resumo, a tradição do velho crime cuja memoria ter-se-ia já de certo apagado si não fosse o ter para guia-la nas brumas do longo tempo que sobre ele passou, a claridade misteriosa que em seu caminho foi projetada por essa luzinha salvadora da mísera creança orfanada no trágico pouso.

A panela da rua Moron

Era corrente, nos últimos dias do Império, que, no cruzamento das atuais ruas Moron e Quinze de Novembro, nesta cidade, então vila, jazia enterrada uma panela de dinheiro...

Provas disso, na crença popular, eram, de um lado, a espessa moita de capim Santa Fé que lá existia; e de outro, a versão de que no lugar, ainda baldio, abeirando a mata que dali foi repontada depois, e sulcado por córrego profundo que manava de lagôa formada no centro da depressão hoje ocupada pela quadra em que está instalado o “O Nacional”, assombramentos eram vistos de vez em quando, fazendo, naturalmente, com que o transeunte crédulo que por lá passasse á noite, sugestionado pela má fama do sitio, o transpuzesse de ôlho acêso e com o coração a trabalhar com mais pressa que normalmente.

A lenda assim talhada e localizada, quando ao meu conhecimento chegou, já não era nova. Pessoa antiga da terra, palestrando comigo um dia, narrou-me que ali, muito antes, em velhos tempos, aparecêra, certa vez, uma excavação sorrateira que vinha sendo trabalhada de noite, sem que se soubesse quem era o autor.

Pesquisado o caso pela curiosidade indiscreta do povo, que tudo procura devassar, veio o paneleiro cavador a ser descoberto e, diante disso, julgando ocioso continuar ocultando a sua obra, passou a faze-la de dia, escancaradamente.

Gaiato que disso tivera conhecimento, querendo armar-lhe uma troça, munuiu-se de umas moedas de ouro e, fingindo interesse na empresa, apareceu-lhe propondo-se auxilia-lo mediante a divisão do resultado dela.

Aceita a proposta assim formulada, desceu logo ao

buraco onde o paneleiro estava a cavar, e, com ele, começou a trabalhar a bem da sociedade.

Momentos depois, aproveitando ensejo em que o paneleiro estava embebido na tarefa, deixou o trocista cair as moedas e, dando uma pásada na terra, gritou que a coisa estava ali...

Excitado com isso e vendo as moedas relampejarem, atirou-se alucinadamente a elas o paneleiro, dizendo serem suas porque tinha sido primeiro a cavar o entêrro...

O outro, que só trocar tinha em vista, de logo contestou-o com fingida veemencia, á sua vez alegando que fôra quem descobrira o negocio, e portanto suas é que eram tais moedas.

O desacôrdo assim irrompido foi crescendo e a tal ponto chegou afinal, que a brincadeira passou a briga de verdade, engalfinhando-se os dois dentro do buraco e sendo necessária a intervenção de terceiros para os separar e acalmar.

Hoje, a gente nova que ali passa nao é capaz de supôr quanta historia gerou, naqueles tempos, a lendária panela que deu causa a tal desaguisado.

Zona lendaria

Merece este qualificativo o campo da Entrada, na parte em que, um dia, em velhos tempos da historia passo-fundense (4), veio fixar-se constituindo vasta fazenda, hoje subdividida em inúmeras frações, o assaz lembrado José Domingues Nunes de Oliveira a cuja memória tive já ocasião de aludir em outro volume que publiquei (5).

E' que, na formação do ambiente psicológico de um lugar, tem o passado influencia, naturalmente exercida na proporcionalidade da emoção que origine ele; e tal fator é tão importante na zona em referencia que, para excitar a imaginação popular, oferece etapas de alta sugestão como sejam a cruzada jesuitica (6), em tórno a cuja evocação jamais deixa de aflorar a crença dos tesouros enterrados; o dominio hespanhol (7), recordando as lutas que as duas poderosas cortes rivais, de Lisboa e Madrid, entre si e como que antevendo a importancia futura da terra disputada, sustentaram por motivo da posse do noroeste, ocidente e sul do espaço que hoje constitue o nosso Estado; e finalmente, já nos dias do Brasil emancipado, a quadra dos indios no Mato Castelhana (8), em que, no trágico dos assaltos dos mesmos, põe nota pitoresca o bichará (9) do citado fazendeiro, a servir de salvo-conduto aos que, por estreito e cerrado pique, tinham de romper as tres

4 Mais ou menos em 1828.

5 "Terra dos Pinheirais", impressa em 1927,

6 O território do Municipio fez parte das historicas Missões Orientais do Uruguai, desses religiosos.

7 Perdurou, nas mesmas Missões, de 1756 a 1801, quando foram elas incorporadas ao Brasil.

8 Resumida em "Anais do Municipio de Passo Fundo" e "Terra dos Pinheirais", ja citados. Também nas "Memorias" de José Garibaldi, e nas "Missões Orientais e seus antigos dominios", do dr. Hemeterio J. Velloso da Silveira, ha referencias ao assunto.

9 Pala grosso, de lã, tecido e usado em nossa campanha.

légoas de tal brenha, tornada aí sitio de pavor diante a frequencia de semelhantes ataques (¹⁰).

Murado ao nascente pela floresta que desse modo se assinalara, e bordado de capões e restingas entre os quais não faltavam adormecidas lagoas—genero de aguada que sempre foi inspirador de fantasiosas versões—de certo que o campo da Entrada teria ainda no seu panorama, assim caraterisado, outros incentivos á particularidade que lhe aponto e vou justificar á luz do seu opulento folclor.

Seja primeiro a entrar em revista o seu famoso capão da Guarda, que á precedencia se recomenda pela sua posição elevada, mercê da qual feria sido, talvez, escolhido para ponto de permanencia da guarda que, refere antiga tradição (¹¹), lá estivera, no tempo do dominio hespanhol, para vigiar a fronteira com as terras de Portugal, traçada, aí, pelo Mato Castelhana.

Com assento em tal fato, andam em tórno desse capão lendas varias, em que o fundo da narrativa é sempre o magno assunto do dinheiro enterrado, que tanto anima e delicia as cavaqueiras do povo ao silencio da noite, na zona rural do Municipio.

Vem depois a célebre lagoa em que, di-lo outra lenda, os Jesuítas, em fuga, mergulharam uma carretilha cheia de cousas de ouro, para que não fosse presa da lusitana gente, que lhes ia ao encalço.

Seguem-se **panelas** varias, aqui e ali apontadas, mas que, apesar disso, continuam no seio da terra, á espera de que as desvende algum cavador afortunado.

Vem afinal, fechando com chave de ouro tal série de lendas, o misterioso gritador noturno que desde velhas eras — afirma-se lá — se faz ouvir em um pontão e cujo grito desce rio do Peixe abaixo, sem que ninguém lhe saiba o termo da extraordinaria jornada...

É pois uma zona lendaria essa em que, no rubro

¹⁰ Na sua referida obra, o mesmo dr. Hemeterio descreve um desses assaltos.

¹¹ Reproduzida nos citados "Anais do Municipio de Passo Fundo".

capitulo que os indios escreveram no Mato Castelhana com as suas aceradas flexas embebidas no sangue dos tropeiros, tanto avulta a tradiçao do papel de José Domingues Nunes de Oliveira.

A PIPOCA

"Arrebenta pipoca,
Maria Sororoca"
— a miuçalha dizia
quando o milho-pipoca
na panela frigia.

E a pipoca se abria
como flor, na panela,
fato que convencia
ter poder sobre ela
Sororoca Maria.

Vezes, porém, havia
deparando esta troca,
certo por zombaria:
Mais piruá que pipoca
dava a dita Maria...

Nem por isso ocorrer,
se fazia pipoca
sem a roda dizer:
"Arrebenta pipoca,
Maria Sororoca".

Bandeirinhas coerentes

Fôra aspiração de longa data, na então vila de Passo Fundo, a respetiva ligação á rêde telegráfica nacional, cujo ponto mais proximo era Cruz Alta.

Afinal, um belo dia a máquina governativa da Monarquia, já envelhecida e gasta, chegou ao termo da laboriosa rotação necessaria para tal beneficio aos vassalos imperiais que em tão remotas plagas moravam, e um contingente de engenharia militar sob a direção do, aí, major Bento Ribeiro Carneiro Monteiro, muito depois falecido, ao cabo de brilhante carreira, no posto de Marechal, avançou da referida cidade para cá, extendendo a reclamada linha.

É de ver que Passo Fundo, assim satisfeito em seu desejo tão justo, recebe-la-ia com abundancia de regosijo, preparando-lhe, para isso, festa de vulto, a ser feita no dia da inauguração do serviço e para a qual havia quantidade de bandeirinhas do Imperio, que provavelmente deveriam ser utilizadas em galhardetes na estação a ser aberta, ou algures.

Como, porém, nas cogitações humanas ande sempre metido atrás da porta o imprevisto, não raro alterando e, até, ás vezes, chegando mesmo a pôr abaixo todo o castelo formado nelas, cousa de alta gravidade não tardaria a intrrometer-se nos preparativos daquela festa, abalando-a ou, pelo menos, tirando-lhe boa parte do volume e brilho que, si não fosse isso, de certo teria apresentado.

Foi o caso que, chegada a construção da linha a ponto entre Carasinho e Estancia Velha, e sendo lá montado um aparelho de campo que trazia a respetiva comissão, o que haveria de acontecer? Apenas isto: um telegrama que parecendo ter vindo da Lua — tal a surpresa que encerrava — era recebido anunciando que fôra proclamada a Republica no Brasil ...

Ao estouro de semelhante noticia na Vila, claro é que a festa em preparo para a chegada do telégrafo passaria logo a segundo plano, como passou, cedendo o primeiro ao grande acontecimento referido, em cuja sensacional repercussão sobrenadava o receio de graves consequencias, fundado na consideração de não estar o país — dizia-se — preparado para aquela mudança de instituições, e correr, portanto, o risco de ser convulsionado por ela.

Felizmente o receio assim manifestado era logo desfeito pela acolhida que a nova Republica encontrara na vastidão do abatido Imperio, só dissonante na Baía, cuja atitude, entretanto, fôra removida sem demora.

Por esse modo clareada a situação nacional, chegou enfim o dia da inauguração do telégrafo na vila, realisando-se aí a festa em referencia, mas, além de circunscrita a um carater mais ou sem as bandeirinhas sido destinadas menos oficial, que lhe haviam sido destinadas...

Explica-se: monarquistas, não poderiam elas, por fidelidade a seus principios, tomar parte naquela festa da Republica.



Tenente-coronel Francisco de Barros Miranda
Comandante do 5.º corpo de cavalaria da Guarda
Nacional, de Passo Fundo
(Depois coronel)

Convocação historica

O documento a seguir evoca a participação de nossa terra na grande campanha militar que, de 1865 a 1870, a Tríplice Aliança constituída pelo Brasil, a Confederação Argentina e o Estado Oriental do Uruguai, sustentou contra o governo do Paraguai, aí exercido pelo ditador Solano Lopes:

"Quartel do Commando do 5.º Corpo de Cavallaria de Gs. Ns. do Passo Fundo em 7 de Março de 1865.

Illmo. Snr.

Por officio do Snr. Cel. Commandante Superior dactado de hontem foi communicado a este Commando, que S. Exa. o Snr. Presidente da Provincia, por acto n.º 25 de 11 de Fevereiro do corrente anno, chamou a serviço de destacamento o 5.º Corpo de Cavallaria de Gs. Ns. sob o meo commando, para seguir a Fronteira de S. Borja, neste sentido hoje officiei ao Commandante interino da sua Companhia; portanto convem que V. Sa. assuma quanto antes o commando da mesma para no dia 26 do corrente mez, apresentar-se neste Quartel com todos os seos commandados, promptos para marchar-mos com destino a referida fronteira, conforme as ordens superiores.

Confiado do patriotismo e zelo de V. Sa. pelo serviço nacional, espero que cumprirá exactamente o que óra tenho ordenado.

Deos Guarde VSa.

Illmo. Snr. Capitão João Luis dos Santos.

D. Commandante da 4.a Companhia.

(a) Francisco de Barros Miranda

Te. Corel. Comd.º

Como de seu teôr decorre, teria sido esse historico officio dirigido tambem ás demais companhias do corpo, conclusão tanto mais evidente quanto é certo que a unidade, assim chamada ao serviço militar, pouco depois marchava para o destino indicado na convocação, lá incorporando-se á brigada sob o comando do coronel Antonio Fernandes de Lima, pertencente á divisão do general David Canabarro; brigada cujos outros corpos eram o 10°, o 11°, o 22° e o 23°, organizados noutros municipios da então Provincia.

Invadida esta, no dia 10 de Junho de 1865, pelo exercito paraguaio de Estigarribia, não tardou que a brigada referida se chocasse com o mesmo, o que aconteceu no Butuí, proximo a São Borja, na manhã de 26 daquele mez, travando-se aí memoravel combate em que, atacando ela a vanguarda do invasor, derrotou-a pondo-o em retirada e perseguindo-o.

Na disposição desse combate, coube ao 5° corpo ficar em proteção ao 23°, que com os clavineiros do 22° devia atacar a direita do inimigo, secundado pelos 10° e 11°, que, apoiados no resto do mesmo 22°, respeitivamente acometeriam o centro e a esquerda dos paraguaios.

É tradição aqui que o corpo passo-fundense, inexperiente ainda, carregou impetuosamente sobre a linha inimiga, rompendo-a, situação em que a mesma, formando-se de novo, deixou-o cortado obrigando-o a outra violenta investida para poder salvar-se.

Nesse batismo de fogo perdeu ele vários elementos, entre os quais o capitão Antonio Ferreira Terres, José Cipriano Ferreira, Silverio Alves de Oliveira e outros, cujos nomes não conseguiu apurar.

Seguindo depois para Uruguiana, com a sua brigada tomou parte no cêrco e assistiu á rendição da mesma praça, verificada no dia 18 de Setembro do mesmo ano, de lá passando para Corrientes, incorporado ao exercito que se dirigia ao Paraguai, com o qual os seus elementos, distribuídos por outras unidades, fizeram toda a campanha, recomendando-se pela sua bravura e conquistando, muitos deles, notas

militares as mais honrosas. (12)

Souberam, pois, honrar á Patria os bravos passo-fundenses do glorioso corpo cuja convocação relembro nesta pagina lamentando não pudesse, por falta de dados, fazer o mesmo com relação aos demais corpos que daqui marcharam para a inolvidavel campanha, e que não menos se recomendaram pelo seu valor. (13)

¹² Em "Anais do Municipio de Passo Fundo", vol. I, ha uma relação dos que se destacaram na campanha.

¹³ A citada relação abrange também estes corpos.

A BANDEIRA

No silencio da velha fazenda ⁽¹⁴⁾ em que, na infancia, passei tempo que mora na minha saudade, ouvia eu, ás vezes, distante rufar de tambor anunciando a passagem de bandeira que, reunindo fundos para festa religiosa, de casa em casa percorria a vastidão da campanha em derredor.

Em certa ocasião apareceu lá uma bandeira dessas, conduzida por pequeno grupo de foliões ⁽¹⁵⁾. Como de costume, foi alvo de religioso acolhimento, saindo a recebe-la e beijando-a, no pateo fronteiro, toda a familia e escravatura da casa, enquanto os foliões, ao som de viola, ferrinhos e tambor ⁽¹⁶⁾, cantavam anunciando a chegada do Divino e saudando o lar que, assim, os recebia.

Dessa vez a bandeira pernoitou na fazenda, repetindo-se no interior da casa as canções de seus portadores, que pela mesma fórmula agradeceram as dádivas, á medida que estas foram sendo feitas.

Na manhã seguinte retirou-se ela com ceremonial identico ao da sua recepção, por parte dos moradores, e novas canções dos foliões.

Depois disso, jamais tive ensejo de presenciar o aparecimento de bandeira religiosa em vivenda rural, porque do campo fui deslocado para a vida urbana.

Também neste municipio era uso a saída de bandeiras á campanha, pela maneira acima descrita, mas creio que já de

¹⁴ Bôa Vista da Forquilha, no municipio de Lagôa Vermelha.

¹⁵ Eram assim designados os encarregados da coléta, aos quais de ordinário cabia, como remuneração, uma percentagem da mesma.

¹⁶ A esse grupo de instrumentos era, ás vezes, adicionada uma rabeça.

ha mujtos anos se o não observa mais.

E' que o vento do Progreso, no seu incessante soprar, vai aos poucos varrendo os sinais do passado, para que em lugar deles se ergam as concepções do presente, inspiradas noutras idéas e subordinadas a outras circunstancias.



Dr. James de Oliveira Franco e Souza

Dr. James de Oliveira Franco e Souza

A 7 de Setembro de 1875, na vila de Soledade ⁽¹⁷⁾ que aí era termo da nossa comarca, assumia este ilustre magistrado as funções de juiz de direito de Passo Fundo, nas quais foi o primeiro nomeado ⁽¹⁸⁾.

Nascera ele em Morretes, Paraná ⁽¹⁹⁾, aos 13 de Junho de 1841, sendo filho do capitão Manoel José de Souza e d. Carlota Angélica de Oliveira Franco.

Órfão de pai aos 5 anos de idade, e mudando-se, aí, a família para Curitiba, na mesma cidade fez o curso de primeiras letras e começou o de humanidades, que foi terminar em São Paulo, onde, a seguir, matriculou-se na Faculdade de Direito, vindo a receber o grau acadêmico em 26 de Novembro de 1864 ⁽²⁰⁾.

Transferindo-se então para o Rio Grande do Sul, nesta então Província, a 17 de Maio de 1863, em Cachoeira, contraiu matrimônio com d. Angélica Candida Macedonia, nascida na cidade de Alegrete a 8 de Julho de 1854 e filha de Leonardo da Costa Carvalho Macedonia e d. Virginia Vilela Macedonia ⁽²¹⁾.

¹⁷ Fato que teria decorrido, por certo, da circunstancia de ser a mesma vila ponto de passagem da estrada que do centro provincial vinha para Passo Fundo e pela qual as comunicações, a esse tempo, eram feitas a cavalo.

¹⁸ Entre a criação da comarca e a posse do dr. James, oficiou como juiz de direito, na qualidade de substituto legal, o juiz municipal e de órfãos dr. Benedito Marques da Silva Acauã.

¹⁹ Pertencia então a São Paulo o territorio do Paraná, que só veiu a constituir provincia em 1852.

²⁰ Foram seus condiscípulos, na Faculdade, Teixeira de Freitas Junior, Melo Matos, Carlos Thompson Flores, José Carlos Rodrigues, Antonio da Silva Prado e outros jovens mais tarde notáveis. Por ocasião da sua formatura, prestou ele o compromisso respetivo ante o Barão de Ramalho, então diretor da Faculdade.

²¹ Desse matrimonio, deixou ele os seguintes filhos: dr. Leonardo

Entre a sua chegada ao Rio Grande do Sul e o momento em que foi nomeado juiz de direito de Passo Fundo, exercera ele, sucessivamente, os cargos de promotor publico em Rio Pardo, Alegrete e Cachoeira, e juiz municipal e de órfãos em Alegrete e Rio Pardo.

Como prova da maneira honrosissima porque se conduziu no exercício do seu alto cargo aqui, onde permaneceu até 7 de Outubro de 1878, recebeu ele, da municipalidade passo-fundense, o expressivo officio que segue:

“Illmo. Sr.

Em officio de 7 do corrente mez, participou Va. Sa. a esta Camara, ter passado na mesma data ao Dr. juiz Municipal dos termos reunidos de Passo Fundo e Soledade, a jurisdição do cargo de juiz de Direito desta Comarca, visto ter sido, por Decreto de 9 de Setembro findo, removido desta para a Comarca de Santa Maria. Ao retirar-se expressa Va. Sa. seus agradecimentos á Camara pela coadjuvação que sempre dispensou-lhe e a harmonia com que se houve para com Va. Sa. no tocante ao serviço publico, bem como agradece, por intermédio delia, representante immediata da população do municipio — a consideração e estima tributada ininterrompidamente pelo pacifico e morigerado povo do logar.

Cumpra a esta Camara tanto por si, como em nome de seus municipes, render nesta occasião a Va. Sa. testemunho inequivoco e sincero de suas homenagens; visto que a quotidiana observação dos

Macedonia Franco e Souza, advogado, catedratico da Faculdade de Direito de Porto Alegre, e presidente da secção da Ordem dos Advogados Brasileiros, deste Estado; dr. Artur Franco e Souza, medico, professor da Faculdade de Medicina e da de Direito, na mesma cidade ; Mario Franco e Souza, residente no município de Jaguarí; dr. Carlos Franco e Souza, engenheiro, residente em São Paulo, e d. Virgínia Franco Masson, viuva do dr. Rodolfo Machado Masson. Destes filhos são já falecidos o segundo e o quarto.

factos convence que Va. Sa., durante o tempo de sua judicatura na Comarca, procurou sempre cumprir nobremente, com imparcialidade e justiça, as atribuições do honroso cargo de Magistrado.

A Camara, pois, e o municipio sentem a retirada de Va. Sa., ella e o povo que representa jamais esquecerão o juiz integro e illustrado — que ao partir deixa na comarca, além das saudades pela ausência, os fulgurantes exemplos da mais bella tradição no fôro. A Camara almeja que Va. Sa. em sua nova comarca, sacerdote da lei, continue a colher as palmas só reservadas ás togas immaculadas. — Deos Guarde a Va. Sa.

Paço e sala da Camara Municipal da Villa de Passo Fundo, em 10 de Outubro de 1878.

*Illmo. Sr. Dr. James de Oliveira Franco e Souza,
M. D. ex-juiz de Direito da Comarca, (assignados)*

José Pinto de Moraes — João Schell — João Jacob Müller Filho — Domingos Pereira Gomes — Frederico Graeff — Joaquim Bemardes Vieira.”

Na sua permanencia aqui, fez ele parte da loja maçonica Concordia III, sendo Venerável da mesma.

Continuadora de tal officina, a loja Concordia do Sul, ha anos, rendeu-lhe solene homenagem, creando em seu recinto a Biblioteca Dr. James Franco e collocando o seu retrato no respectivo salão de honra.

Daqui saindo, o dr. James, depois de servir em Santa Maria, Rio Pardo e Cachoeira, ascendeu á Relação da Provincia, como dezembargador, tendo também, ainda no regimen monarquico, exercido o cargo de chefe de policia do Rio Grande do Sul.

Passando, da antiga Relação, para o Superior Tribunal do Estado, corporação que presidiu por

longos anos, no mesmo se conservou de 13 de Janeiro de 1893 a 26 de Maio de 1914, data em que, a seu pedido, foi

aposentado com 43 anos de serviço publico ⁽²²⁾.

Além de tais funções, exerceu também as de fiscal do governo federal junto á Faculdade de Direito de Porto Alegre, e foi, por muitos anos, grão-mestre do Grande Oriente do Rio Grande do Sul, cargo que ocupava ainda por ocasião de seu falecimento, ocorrido na mesma cidade a 18 de Maio de 1918 ⁽²³⁾.

Tais são, em resumo, os principais traços da brilhante carreira do ilustre magistrado extinto, da qual esta comarca tem razão de ufanar-se porque, além de ter sido seu primeiro juiz, também aqui foi que entrou ele para a magistratura do Rio Grande do Sul, que tanto honrou na sua longa e gloriosa atividade ⁽²⁴⁾.

²² Foi tocante a sua despedida do Superior Tribunal, no dia 6 de Junho do mesmo ano, e dela se encontra detalhada noticia n'A FEDERAÇÃO do dia seguinte

²³ Sua encomendação foi feita pelo ritual maçônico, no templo do Grande Oriente referido, que em sua revista O DELTA, do mesmo mez, lhe consagrou eloquente homenagem, acompanhada do seu retrato.

²⁴ Devo ao ilustre dr. João Solon Macedonia Soares, sobrinho do dr. James, a maior parte dos subsidios que serviram de base a este trabalho; sendo que, para isso, obteve ele preciosas notas do eminente dr. Leonardo Macedonia Franco e Souza



Gasparino Lucas Annes
Primeiro presidente do Club Amor á Instrução
(1884)

O CLUBE

Assim o chamavamos nós, a gente velha da terra, no ido tempo em que era ainda o vasto chalé que foi, construído para dentro do alinhamento da rua do Comercio, hoje avenida Brasil.

Erguera-o para sua sede o Club Amor á Instrução, fundado em 1884 e que nele veio a instalar-se em 1890, mais ou menos, para em seguida, com as perturbações graves que se desenrolaram no Municipio perdurando até 1895, em que foi feita a pacificação do Estado, cair em paralisia e desta em adormecimento, do qual não mais despertaria, embora isso fosse tentado, depois de tal periodo, com a convocação de uma assembléa geral, feita pelo socio Antonio Manoel de Araujo, que dele fôra membro saliente.

Na quadra revolucionaria citada, tornou-se ponto de aquartelamento de forças civis da legalidade, que nos primeiros tempos da luta nele tinha o seu centro de ação.

Posteriormente foi ocupado com moradia particular durante algum tempo, ao cabo do qual, em 1899, mais ou menos, sendo fundado o Grêmio Dramatico Passo Fundense, nele construiu este a parte do fundo, para servir de palco ás suas representações teatrais.

Adormecendo tal sociedade, foi, um dia, transformado o prédio em casa de bilhares de empresa particular, que lá permaneceu por cêrca de dois anos.

Logo após, uma noite, em situação agitadissima da politica local, reuniam-se no salão, assim desocupado, oito ou nove republicanos e fundavam o Clube Pinheiro Machado, associação partidaria de que, si não me engano, teria sido

eleito presidente o tenente-coronel Lolico ⁽²⁵⁾, personalidade em torno á qual, então, se concentrava o Partido Republicano local para disputar a eleição de intendente e conselheiros municipais, que estava próxima e era pleiteada por outra facção: isto em 1904.

Tomando posse do predio, o referido Clube ocupou-o por espaço de anos, construindo a parte da frente dele, constituída pelo corredor e duas salas que o ladeiam, em dois andares, e adaptando melhor o salão a teatro.

Mudou-se o Clube Pinheiro Machado para o edificio que construiu para sua nova instalação, no qual funciona hoje a Escola Complementar; e, assumindo a administração do municipio o dr. Araujo Vergueiro, foi o prédio, depois de passar por obras para isto necessarias, transformado em Forum, situação que vem de terminar com a mudança deste para o edificio do extinto Banco Pelotense, ha dias feita.

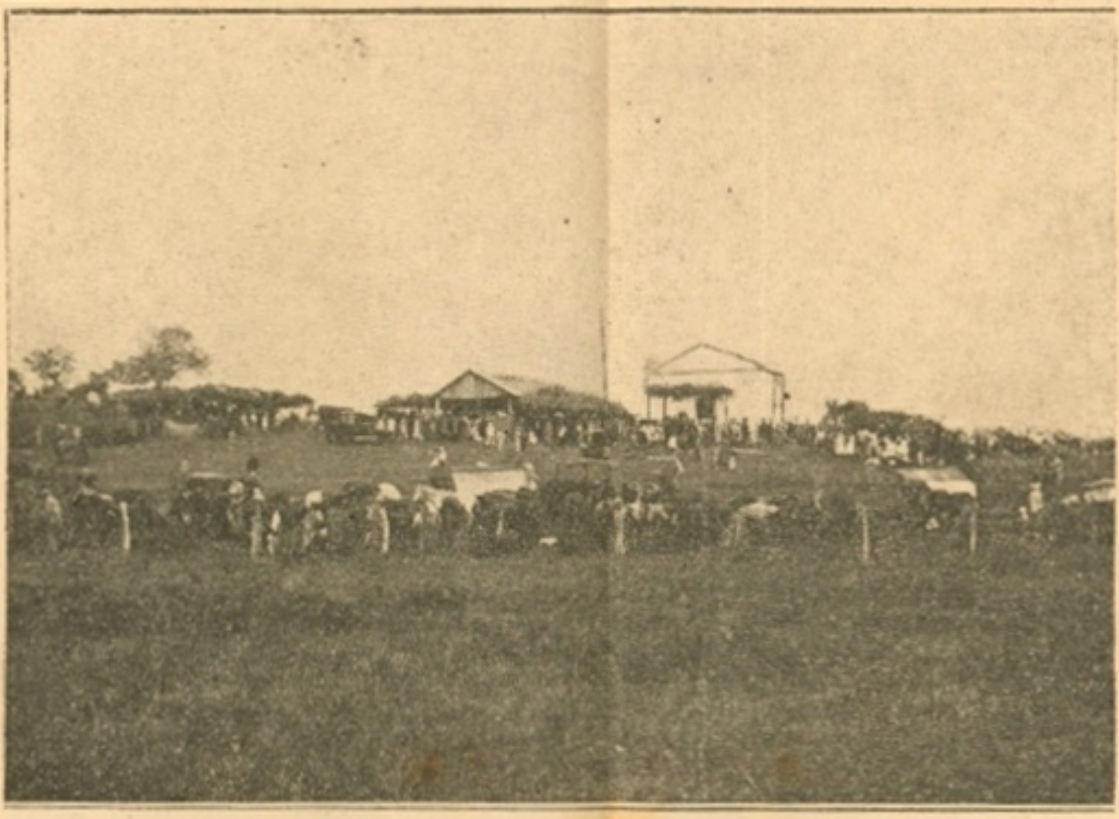
Tais são, em resumo, as fases por que tem passado o velho e glorioso Clube, que agora, ao que ouço dizer, está sendo preparado para alojar a referida Escola ⁽²⁶⁾, destino que aplaudirei si fôr confirmado, porque virá redundar em direto beneficio á coletividade,. respeitando, assim, os nobres propositos da fundação do Clube Amor á Instrução, a quem, como se viu pelo historico acima, pertence a iniciativa da construção dele.

Construido por amor á instrução, pois, de certo que será digno de todo o amor á instrução, que nele se quiser patentear ⁽²⁷⁾.

²⁵ Pedro Lopes de Oliveira

²⁶ Está já funcionando nele.

²⁷ Este trabalho foi publicado, com o pseudonimo de João d'Outrora, em "O Nacional" desta cidade.



Pinheiro Torto. Capela de São Miguel
Vista parcial da festa realizada na mesma em 1922.

A capela do Pinheiro Torto

SUA HISTORIA

Tocante a origem da devoção que o Catolicismo passofundense consagra a São Miguel Arcanjo, orago da poetica ermida do Pinheiro Torto.

Junto a esse templo rural, sobre pequeno outeiro, se vê antiga moradia tendo a ensombra-la umas quantas arvores não menos velhas, talvez, que ela própria.

Aí, em prisco tempo, morava Bernardo Castanho da Rocha ⁽²⁸⁾, proprietario, então, do campo que para cá se estende até o Boqueirão e o Lavapés, e que no rol do seu pessoal de trabalho, que devia ser numeroso porque era homem cuja atividade se repartia por vários negocios ⁽²⁹⁾, tinha os dois pretos Generoso e Isaias, pai e filho, respetivamente.

O primeiro, tendo sido escravo da casa, livre ficara com a revolução de 1835, fato que revela ter na mesma pelejado á sombra da bandeira farroupilha ⁽³⁰⁾; e o segundo, cativo ainda.

Irrompendo a guerra do Paraguai, para ela, como praças do 5.º corpo de cavalaria da Guarda Nacional já lembrado nestas paginas, marcharam esses dois pretos, fazendo toda a campanha, na qual o primeiro deles, ferido, teve de sofrer a amputação de uma perna, assim concorrendo ambos para que o Municipio lá deixasse comprovado e de

²⁸ Um dos primeiros que vieram domiciliar-se em nosso territorio. Foi o primeiro juiz de paz do distrito, eleito em 1834. No mesmo ano, com alguns companheiros, descobriu os campos de Nonoái.

²⁹ Além de fazendeiro, era estabelecido com casa comercial no Pinheiro Torto, e tinha, proximo á mesma, nesse arroio, engenho de serrar madeiras, moinho de grãos e engenho de herva-mate.

³⁰ Deduzo isto de que, pela Paz de 1845, entre outras clausulas, se obrigara o governo imperial a indenisar os senhores dos escravos ao serviço da revolução, incluindo estes no seu exercito

modo notavel, o valor de seu povo na defesa da nacionalidade.

Terminada tal guerra, voltavam ambos para o lar de Bernardo — Generoso trazendo ainda por cicatrizar a amputação aludida — quando, ao passar pelas imediações das ruínas do povo jesuitico de São Miguel, encontraram á beira de uma lagoa, em abandono, uma estatueta representando o Arcanjo do mesmo nome, achado que resolveram trazer consigo, como trouxeram, tendo para isso obtido na vizinhança uma carretinha puxada por um cavalo e na qual, guiada por Isaias, também o ferido se acomodou para o resto da viagem.

Chegados ao Pinheiro Torto, empreendeu Generoso erigir uma capelinha ao Arcanjo, obra para a qual, apesar da sua relativa invalidez, que o não impedia de capataziar a fazenda do ex-senhor, aos sábados e domingos saía, a cavalo, angariar donativos no visindario.

Assim obtido o recurso necessário, levou o ex-escravo a termo a construção, feita com paredes de pau a pique ⁽³¹⁾ e coberta de capim, e nela, em seguida, veiu a realizar-se a primeira festa de São Miguel, da qual foi festeira d. Maria Joana de Oliveira, esposa de Diogo José de Oliveira que ao tempo era pessoa de destaque em Passo Fundo ⁽³²⁾.

Mais tarde, com auxilio de seu patrão referido, substituiu Generoso a primeira capelinha por outra melhor, aí feita, construída de madeiras e coberta de taboinhas, a qual por longo tempo serviu, sendo afinal, já velha, domolida para a construção da atual, erguida em tijolos e coberta de telhas, e que foi feita anos depois da pacificação que puzera fim á revolução federalista de 1893 ⁽³³⁾.

Tal a historia da poética ermida em que anualmente, no dia proprio, se repete a tradicional festa em referencia, a qual

³¹ Estucadas de barro.

³² Primeiro delegado de policia do Municipio, empossado logo após á instalação do mesmo.

³³ Prestou valiosas informações a este trabalho o sr. Bento Isaias, filho do mencionado Isaias e que, com cêrca de 80 anos, vive ainda nesta cidade.

atraindo, desta cidade e mais pontos visinhos, romeiros de todas as classes, uns a pé, outros a cavalo e outros, o maior numero talvez, em veículos de toda sorte, desde a lenta e velhíssima carreta de bois, até o veloz e moderno automovel, desdobra no Pinheiro Torto um palpitante mostruario da nossa gente e dos nossos costumes.

PADRE GUEDES

Logo após a proclamação da Republica, viera ele, de São Sepé onde exercera identicas funções, paroquiar o Catolicismo de Passo Fundo, e com felicidade, pois que teria a cerca-lo aqui, como aconteceu, a estima e veneração de todos, grangeadas pelas altas qualidades morais que a tanto o recomendavam.

José Ferreira Guedes era o seu nome todo, e em Portugal tivera berço, que não posso localisar por falta de dados a respeito.

Durante o seu ministerio nesta cidade, coube-lhe a tarefa de, com a comissão respetiva, promover a construção da atual Matriz ⁽³⁴⁾, obra que se tornara de imperiosa necessidade ante a deficiência e estado quasi ruinoso da antiga ⁽³⁵⁾.

Ainda nas funções paroquiais, aqui faleceu ele a 9 de Novembro de 1902, sendo sepultado logo á entrada do cemiterio publico, onde se vê o tumulo que o guarda.

Ao baixar o seu corpo á terra, falou o dr. João Coelho Cavalcanti, então juiz da comarca ⁽³⁶⁾, proferindo eloquente oração que, chegada ao meu conhecimento, pois que não pudera eu comparecer ao enterro, em parte condensei no soneto a seguir, que reproduzo não porque pela fórmula se recomende, mas, apenas, para que constitua o meu quinhão nas justas homenagens que aí foram tributadas ao venerando sacerdote. Era situada na atual praça Marechal Floriano, em o terreno baldio que está destinado á construção da futura Catedral.

³⁴ Começada em 1893, mas paralizada nos alicerces em consequencia da revolução foderalista.

³⁵ Era situada na atual praça Marechal Floriano, em o terreno baldio que está destinado à construção da futura Catedral.

³⁶ Daqui removido, em 1904, para São João Baptista de Camaquam.



Padre José Ferreira Guedes

A' memória de Padre Guedes

(Trecho de um discurso do dr. João Coelho Cavalcanti).

Viandante, quando tu passares
por este sitio funerario
em que repousa o bom Vigario
que ao Bem ergueu tantos altares;

Si da virtude respeitares
o exemplo grande, extraordinario,
e fôres justo, humanitario
— viandante, quando tu passares:

Ajoelha-te, piedosamente,
á campa do Vigario,
e implora ao Céu, em oração fervente,

que a terra onde ele jaz agora
leve lhe seja eternamente,
como ele o foi á Terra, outróra.

Passo Fundo

10/ 11 /1902



Coronel Gervasio Lucas Annes

10 DE ABRIL

Passará amanhã a data aniversaria da elevação da vila de Passo Fundo á categoria de cidade, em 1891, pelo então governador provisorio do Estado dr. Fernando Abbott.

Rememorando tal fato, não se póde, por justiça, omitir a participação que nele teve o coronel Gervasio Lucas Annes, tanto mais meritoria quanto é certo que esse illustre chefe do Partido Republicano de Passo Fundo, hoje vivendo no plano para que o levou a sua desencarnação em 1917, o solicitou e conseguiu no dia do seu natalicio, por motivo do qual desejava qualquer cousa fazer em beneficio da terra em que, desde a juventude, vinha a batalhar como profissional e político, e com a qual, portanto, estava identificado pelo coração e pelo espirito.

Dadas as condições primitivas e o desenvolvimento ainda exiguo da vila, que aí não teria talvez nem mesmo duzentos predios, só condensados no trecho da rua do Comercio, hoje avenida Brasil, compreendido entre as atuais travessas Quinze de Novembro e dos Andradas, estando o restante disperso e tão escassamente que as ruas Paisandú e Moron, restringidas a esse mesmo trecho, tinham as suas linhas intermeiadas de amplos terrenos baldios, e em pleno campo, com raras casas, se extendia para o oriente o resto da área urbana, — de certo que só mesmo por benevolência governamental, inspirada no desejo de atender a tal pedido do mesmo Coronel, teria ela conquistado esse acesso de categoria, com o qual ainda mais veiu a contrastar ao cabo da revolução federalista, cujos efeitos lhe foram tão sérios que ainda no ano seguinte ao da Paz o seu estado era ruinoso e abatido.

Renasceu, porém, com a posse da estrada de ferro, nela inaugurada em 1898, e de então ao presente, ora mais,

ora menos, conforme as alternativas da situação do Estado, se tem expandido sempre, dia a dia avolumando a esperança que depositamos em seu porvir, fundada não só no proprio grau de desenvolvimento que apresenta, como, ainda, na feliz topografia, notável salubridade e mais requisitos que lhe servem de dote.

O que lhe falta realizar para satisfazer as aspirações patrióticas nessa esperança encerradas, constitue obra para muito esforço e devotamento dos seus expoentes; mas em compensação, o Progresso é uma lei irresistivel, que não cessa de impelir a Humanidade para a frente e para o alto, a fim de poder ela cumprir o seu luminoso destino planetário.

Nele confiemos, pois, certos de que o muito que já fez até hoje pela terra nossa, bem pouco será em face ao que lhe tem reservado para esse porvir.

(9-4-1932).

O VALEIRO

Aparecera ele, um dia, na estância do Sarandí, então pertencente, ainda, ao capitão João de Vergueiro, que lá morava.

Era homem velhusco, alto, louro, de olhos azues, estrangeiro, exprimindo-se com dificuldade em português, e o nomeavam Dom Francisco: detalhes que reunidos ao meio de subsistência com que se apresentara, indicado na epígrafe, eram os únicos que se abriam para caracterizá-lo, porque os demais, relativos à sua origem e precedentes, guardava-os ele em fechada reserva.

Admitido a trabalhar, para isso aboletou-se num ranchinho próximo à sede do vasto estabelecimento pastoril, entregando-se ao labor e permanecendo fóra do convívio dos moradores da mesma, pelos quais e deante a sua grosseira faina, era natural fosse tido como pessoa vulgar.

Uma noite, porém, tal conceito veio a ser modificado por fato imprevisto.

Era em 1882 e estava em seu máximo o grande cometa que aí aparecera.

No pátio da fazenda, com outras pessoas da casa, o capitão Vergueiro apreciava e comentava o belo astro errante que, assim, se mostrava a visualidade no espaço.

Com a ilustração que lhe era peculiar, discorria o conceituado fazendeiro sobre o empolgante fenômeno celeste quando, com surpresa para ele e os que o cercavam, surge Dom Francisco pedindo, humildemente, permissão para intervir no assunto.

Atendido e entrando a manifestar-se, como discordasse de opinião a respeito emitida por Vergueiro, o

resultado foi irromper entre ambos discussão que se prolongou a alta noite, verificando-se aí que na rude aparência do valeiro se ocultava uma solida cultura científica ⁽³⁷⁾.

Tempo depois, na Rondinha, campo da mesma fazenda, chegava ao termo da sua jornada terrestre um solitário que lá vivia: era Dom Francisco, o valeiro, que para o tumulto baixava levando consigo o misterio da sua origem e dos precedentes que trouxera para o Sarandí.

³⁷ Em que se incluía o conhecimento de varias linguas.



Capitão Eleuterio José Gonçalves

UM BRAVO

Soube fazer jús a este conceito o malogrado capitão Eleuterio José Gonçalves, que, na luta civil desencadeada pela revolução federalista de 1893, para aqui foi enviado, no posto de tenente, com pequena força do 1.º regimento de cavalaria da Brigada Militar do Estado, aí recentemente creada em substituição da Guarda Civica, da qual viera ele com a mesma graduação.

Vi-o por primeira vez em Junho do citado ano, poucos dias depois da retomada desta cidade pelas armas legais ⁽³⁸⁾, pagina de bravura em que o seu valor militar se destacara tão exuberantemente que, dispondo apenas de tresentos e tantos homens, não vacilou entretanto em atacar a mais de mil revolucionários que em seu poder tinham a praça.

Daí a justiça com que, em ordem do dia de 22 do mesmo mez, do comando da sua milicia, exercido então pelo coronel Joaquim Pantaleão Teles de Queiroz, era alvo de louvor pela pericia com que tinha dirigido tal combate; documento esse que tambem louvava seus comandados “pela dedicação, amor, ordem e valentia com que tinham sabido cumprir os árduos deveres de seus postos, e continha esta referencia aos que, na mesma refrega, haviam perecido em defesa da legalidade:

“Exclusão — Com o maior pesar e rendendo preito devido aos seus nomes, determino que sejam excluídos do estado efetivo do 1.º regimento de cavalaria, os briosos e denodados soldados Marcos do Carmo Liberato e Manoel Joaquim Segundo, gloriosamente mortos no posto de honra,

³⁸ Combate de 4 de Junho.

que lhes coube ocupar no combate acima referido.”

Talvez por sugestão da parte salientíssima que, assim, tivera ele na pugna mencionada, impressionou-me a sua figura naquele nosso encontro, e por isso não admira que hoje, volvidos quarenta anos quasi, conserve eu nitidamente na memoria o seu alto e robusto porte, e crestado rosto, já algo vincado pelos anos, e em cujo tom firme, severo, havia entretanto uma expressão de bondade e nobreza, dessas que á primeira vista se insinuam criando em redor de si confiança, respeito e simpatia. Andava a cavalo, e com aprumo revelador de que sabia faze-lo; trazia chapéu preto de larga aba; pala branco, de brim, talhado ao feitio de ponche, e botas altas, de fole, em cujo couro negro se destacavam esporas de prata com peiteiras de correntes do mesmo metal: tudo ao estilo gaúcho de então, a que também era fiel o seu apêro prateado, com regra posto em sólido cavalo que, se não me engano, era tordilho-branco.

Pouco depois disso, em Setembro, era ele, como consta de ordem do dia do comando da Brigada, promovido ao posto de capitão do 1º esquadrão do seu já citado regimento: isto quando já se aproximava a passagem da coluna revolucionaria de Gomercindo Saraiva por esta cidade, em marcha para Santa Catarina e Paraná, acontecimento em que lhe caberia tão gloriosa parte na ação militar da legalidade, que o proprio general federalista aludido ficaria, como ficou, encantado com a sua pericia e bravura como guerrilheiro, já comprovadas brilhantemente quer no combate aludido, quer em memoravel reconhecimento que, nas vésperas do mesmo, levara a efeito na direção do Tope, e no qual operara uma retirada tão habil diante de força contraria numerosa que vinha de Soledade, que, no Pecegueiro, caíndo-lhe á retaguarda, lhe tomara a cavalhada que a acompanhava.

Deixando para mais desenvolvido trabalho a explanação da influencia que exerceu o valoroso oficiai nos acontecimentos da epoca, em cuja lembrança a sua morte avulta não só pela sinificação militar que teve, como, ainda, pela nobreza que a caraterizou, passo a rememorar o trágico acontecimento em que ela ocorreu: fôra o illustre oficial, já af capitão, a um reconhecimento no 3.º distrito, onde havia força

revolucionaria que, pouco antes, desbaratara por completo uma expedição republicana que imprudentemente se deixára atrair a terrível emboscada no estreito e comprido rincão do Guamirim, perecendo quasi que totalmente ⁽³⁹⁾.

Apesar da excelente e adequadíssima disposição que deu ele a tal reconhecimento, fez a fatalidade com que um dos seus piquetes ⁽⁴⁰⁾, contra a ordem que tinha, que era de reconhecer e regressar, irrefletida mente avançasse em ocasião e logar impróprios, atraído pelos revolucionarios, sendo por estes surpreendido e envolvido.

Vendo isso e percebendo logo a gravidade da situação, vacilou ele, Eleuterio, sobre a atitude a tomar, pois que si, de um lado, estava o dever moral de acudir aqueles companheiros colocados em transe o mais sério, de outro era claro que o seu avanço nas condições inesperadas que o fato lhe creára, o colocaria em risco de funestas consequencias.

Assim premido, optou pela solução da generosidade: avançou, não para pelear, porque o desbarato daquele flanco já estava consumado, e sim para de logo ser atingido pela carga do adversario e receber um tiro, por efeito do qual, em estado grave, foi precipitadamente _ conduzido para esta cidade, em cujo caminho exalou o derradeiro alento na ocasião em que transpunha o Passo.

Eis como, em ordem do dia da sua corporação, foi registrado o triste acontecimento em referencia:

“QUARTEL DO COMANDO DA BRIGADA MILITAR, EM PORTO ALEGRE, 14 DE MARÇO DE 1894. ORDEM DO DIA N.º 132A — EXCLUSÃO — Confirmando-se a infausta noticia do falecimento, em 22 de Dezembro do ano findo, no Passo Fundo, do capitão do 1.º regimento de cavalaria Eleuterio José Gonçalves, determino que seja excluido por esse motivo do dito regimento. Determinando a exclusão de

³⁹ Eleuterio não fez parte desta desastrada expedição.

⁴⁰ A's ordens do capitão Francisco Brisola, comandante da Guarda Municipal.

tão bravo camarada como o foi o capitão Eleuterio José Gonçalves, morto heroicamente no campo da luta, cumpro o doloroso dever de recomendar a gratidão geral dos defensores da Republica e especial dos meus comandados, a memoria dos meus comandados, digo, memoria do lutador incançavel, tipo verdadeiro do soldado riograndense tão austero no cumprimento de seus deveres quanto dedicado a causa da liberdade de sua Patria, encarnada no simbolo gigantesco da Republica a cuja sombra tombou aureolado pelas fulgurações do valor stoico e dedicação spartana o bravo camarada cuja perca pranteamos, (a) Coronel Joaquim Pantaleão Teles de Queiroz.”

Foi assim que o nobre tipo de soldado, veterano do Paraguai e chefe militar da praça de Passo Fundo naqueles dias fratricidas, pagou com a vida a generosidade do seu coração.

Felizmente a justiça do futuro, para que o seu nome tão digno se não perdesse, gravou-o em uma das nossas ruas.

Oxalá aí o conserve a veneração popular, porque nessa homenagem não se reflete propriamente um sentido partidario, mas merecido premio a quem soube morrer pela nobreza, deixando de si uma tradição tão alta como a que ele deixou.

ERRATA

Pags.	Erro	Correção
24	na eshiga	na espiga
91	de 1914	de 1894

INDICE

A tapera de Chicuta	3
O "Echo da Verdade"	5
A nobreza de Miranda	10
O registro de Fagundes	12
João de Vergueiro e a provincia de Missões	13
Parada interrompida	17
A luz publica de dantes	20
Semente prodigiosa	24
Combate frustrado	26
O Monge	29
A luzinha	31
A panela da rua Moron	37
Zona lendaria	41
A pipoca	46
Bandeirinhas coerentes	47
Convocação historica	51
A bandeira	56
Dr. James de Oliveira Franco e Souza	59
O clube	67
A capela do pinheiro torto	71
Padre Guedes	76
A' memoria do mesmo	78
10 de Abril	79
O valeiro	82
Um bravo	85



DO MESMO AUTOR

PARA 1933:

APOSTILAS GEOGRAFICAS

Correções, curiosidades e tradições
topograficas locais.

DIAS IDOS

Trabalho do genero de "Seara Velha".